

RESENHA

As vozes no radiojornalismo: quem fala nesse contexto expandido?

Voices in radio journalism: who speaks in this expanded context?

Voces en el periodismo radiofónico: ¿quién habla en este contexto expandido?

Luana Viana

Tão certo quanto $2 + 2$ são 4, a equação "redução no quadro de profissionais em emissoras radiofônicas" + "apuração à distância" = "limitação do uso de fontes no radiojornalismo" também nos traz pouca novidade. Mas é além desse simples somatório de fatores e buscando compreender a atuação do jornalista contemporâneo que o livro *A seleção das fontes no rádio expandido*, de Luán José Vaz Chagas, nos apresenta um cenário de como ocorre a escolha de quem fala ou não no jornalismo radiofônico.

>> Como citar este texto:

VIANA, Luana. As vozes no radiojornalismo: quem fala nesse contexto expandido? **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 200-204, mai./ago. 2021.

Livro resenhado:

A seleção das fontes no rádio expandido



Sobre a autora

Luana Viana

lvianaa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4927-5219>

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), participa dos Grupos de Pesquisa em Comunicação: Laboratório de Mídia Digital (UFJF) e Convergência e Jornalismo (UFOP).

Diante de um panorama que reforça a precarização do trabalho dos jornalistas nas redações de rádio, “a seleção das fontes nesse ambiente se torna desigual entre agentes que possuem uma relação sofisticada com a imprensa e o cidadão comum, que demanda de apuração na rua, do aprofundamento e da diversidade de interpretações sobre os acontecimentos” (p. 14). Tal frase, presente logo na apresentação da obra, prepara o leitor para as discussões que serão abordadas ao longo do livro e que são guiadas pelo seguinte questionamento: Como as vozes sociais são selecionadas nos ambientes de produção da notícia?

A partir dessa pergunta, alguns conceitos tornam-se fundamentais para que se possa compreender os rumos dessa pesquisa. Destacamos aqueles que aparecem embalados em uma tríade e localizam o leitor no momento contemporâneo em que o rádio se encontra: Rádio Expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), Rádio Hipermediático (LOPEZ, 2010) e a Fase da Multiplicidade da Oferta (BRITTOS, 2002).

Diante do fato do radiojornalismo ser integrado às transformações pelas quais passam toda a tecnologia radiofônica, bem como ao contexto em que o rádio se insere, Chagas (2021) nos lembra de que a multiplicação de modalidades de transmissão e a difusão de conteúdos nem sempre – raramente, na verdade – acompanham a contratação de profissionais e a busca pela inovação nas empresas de comunicação. Essa disparidade reflete diretamente no conteúdo das emissoras, nas fontes que são selecionadas e, conseqüentemente, na realidade que é (re)construída para o ouvinte.

Para abordar essas especificidades, o livro é dividido em cinco capítulos. Os três primeiros, respectivamente intitulados como *A seleção das fontes*; *Diversidade, pluralidade e condições profissionais*; e *As fontes na comunidade interpretativa dos(as) jornalistas*, trazem diversas discussões teóricas a partir de revisões de literatura. Nesta primeira parte, a grande contribuição do autor para os estudos da área encontra-se na proposta de taxonomia das fontes no radiojornalismo. Essa classificação possibilita uma cartografia das diferenças

de posição, de interesse, de ação política, participação e acesso aos temas pelos quais o jornalismo circula.

O quarto capítulo, *A seleção das fontes no radiojornalismo expandido*, reflete a opção de Chagas por uma abordagem multimetodológica na coleta de dados que proporciona uma discussão aprofundada sobre a escolha das vozes para a elaboração de matérias. O autor cruza os dados obtidos em entrevistas realizadas com jornalistas da Bandnews Rio, CBN Rio e CBN Ponta Grossa com uma análise de conteúdo da programação ao vivo das emissoras.

As entrevistas permitem a análise de questões como o perfil profissional e suas dinâmicas na comunidade interpretativa, a atuação profissional na seleção das fontes, seus critérios de noticiabilidade e os constrangimentos organizacionais na redação. Já a análise de conteúdo mostra um olhar prático em que as disparidades no uso de fontes são evidenciadas.

A partir disso, algumas diferenças se destacam, como a incorporação de novas ferramentas na redação para a procura de diferentes vozes sobre o acontecimento *versus* o uso cotidiano e indiscriminado dos materiais originários de assessorias, agências, sites e outras plataformas. No entanto, prevalece uma característica intrínseca às três rádios estudadas: a maioria das fontes utilizadas faz parte de uma estratégia mais próxima das emissoras, e não da relação com o jornalista.

É a partir dos dados coletados e sistematizados na quarta parte do livro que as reflexões embasadas pela constatação prática nascem. No capítulo cinco, *Especificidades do radiojornalismo na seleção das fontes*, Chagas nos oferece mais contribuições epistemológicas.

A primeira delas se materializa em um perfil de *gatekeeping* e *gatewatching* específico para o radiojornalismo (o Mr. Rádio Gate), que foi construído a partir da realidade do trabalho no cotidiano dos jornalistas envolvidos na produção noticiosa das três emissoras radiofônicas estudadas. Com base nos caminhos que levam à construção dessas figuras, percebe-se que o fluxo de produção, diferentemente dos meios impressos, da web ou

televisivos, possui características não lineares, mas que predominam as escolhas dos jornalistas que estão em diferentes funções na redação. Aqui, ainda é importante destacar que, segundo o autor, o perfil desse profissional é o de uma atuação multitarefa e que dentre outros motivos, tal qual a escassez de recursos humanos, exerce suas atividades “sentado” (PEREIRA, 2004) e longe do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010).

Como nos comprova Chagas, os modelos de construção da notícia voltados para o impresso – pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005) – e para a web – pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2007) e *news diamond* (BRADSHAW, 2006) – não dão conta do processo de elaboração noticiosa do radiojornalismo. Com base nisso, a outra contribuição do autor para o campo é um modelo próprio para se pensar o jornalismo de rádio ao vivo: a estrutura em espiral, que se estabelece com a continuidade de debates a partir de contextualizações, seleção de fontes e a utilização de formatos como notícias, reportagens, boletins, entre outros.

No entanto, ressalta-se que apesar do rádio ao vivo seguir um movimento espiral, ainda assim necessita do aprofundamento e da contextualização por meio da pluralização e diversificação das fontes. É a partir dessa perspectiva que entramos na quarta contribuição epistemológica: pensar na diferença entre essas duas dimensões, necessidade que surge após a análise do autor sobre a distribuição dos tipos de fontes nos programas locais.

Como bônus, Chagas nos presenteia com o posfácio *Quem fala no radiojornalismo?*, onde estão reunidas de forma sistematizada as pontuações mais interessantes e relevantes de toda a pesquisa. Essa apresentação permite que o leitor revise os processos de seleção de fontes, bem como as possíveis consequências para uma atuação limitada do jornalista que restringe a percepção do acontecimento a uma apuração de dentro da própria redação.

Se de maneira geral *A seleção das fontes do rádio expandido* fornece bases para se pensar tanto a teoria quanto a prática do radiojornalismo contemporâneo, de maneira específica, constitui-se naquilo que Marcelo

Kischinhevsky optou por trazer como título do prefácio do livro: “Um clássico instantâneo dos estudos de rádio e jornalismo”.

Referências

BRADSHAW, Paul. **Model for a 21st century newsroom – redux: how digitisation has changed news organisations in a multiplatform world**. [s.i]: Leanpub, 2012. Disponível em <https://leanpub.com/21stcenturynewsroom>.

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31 -54, jul.-dez. 2002.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web. **Em Questão**, v. 10, nº 1, p. 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.